

## **ALGUMAS PALAVRAS DE ENCERRAMENTO**

**Artur Fernandes Costa**

*Presidente da Comissão Organizadora*

*VIII Jornadas Novos Paradógmias da Proteção Civil*

*Centro Cultural | Vale de Cambra*

*11 de maio de 2018*

Ex.mas Senhoras e Ex.mos Senhores:

É hora de darmos por encerrados os nossos trabalhos.

Justificam-se contudo algumas notas finais sobre uma reunião técnica e científica que mobilizou muitos quadrantes e geografias do País e que procurou contribuir para um futuro melhor da Proteção e Socorro em Portugal, especialmente no âmbito do que nos trouxe cá: os Incêndios Florestais.

São estes os meus registos, em estilo de conclusões:

- A natureza extrema dos acontecimentos e a inusitada violência dos grandes incêndios florestais ocorridos em 2017. Ainda, as grandes diferenças entre o incêndio de Pedrógão Grande e os de 15 de outubro.
- A enorme gravidade das consequências destes incêndios, com perda de vidas humanas e bens materiais sem par na História de Portugal, traduzidos por uma dor sem limites sofrida por muitas famílias e regiões e por prejuízos extraordinários a que o Estado tem tentado corresponder mas de uma forma que é sempre insuficiente.
- As razões para tais acontecimentos, a que não são alheios as condições climatéricas extremas vividas nesse ano e a sua contextualização no âmbito das grandes Alterações Climáticas a que assistimos e que potenciam a repetição de situações análogas no futuro.
- A insuficiência dos meios disponíveis em face de incêndios como os ocorridos em outubro e as fragilidades evidenciadas pelas componentes organizacional e operacional do Sistema de Proteção Civil na sua ação de resposta em ambiente de crise, em todos os seus níveis.
- O imperativo de se apostar em políticas de longo prazo, de ordenamento e de valorização do território, que contribuam para o aumento da resiliência do espaço rural face ao risco de incêndio,

com especial atenção para a floresta, atendendo ainda ao povoamento com habitações dispersas, casas em locais improváveis, e à natureza da propriedade.

- O imperativo de se adotarem políticas capazes de transformar a floresta num ativo rentável, sobretudo para os pequenos proprietários florestais, seja pelo reforço do associativismo seja pelo investimento direto do Estado na valorização das atividades rurais, remunerando um serviço público que é prestado pelas populações rurais e que é traduzido na preservação do bem coletivo que é a Natureza.
- A necessidade de uma maior preparação técnica e científica dos operacionais e de todo o pessoal dos Agentes de Proteção Civil e demais organismos e entidades ligadas ao socorro, visando avaliações e respostas mais eficazes, bem como planeamentos mais adequados.
- A necessidade de se estruturarem e se valorizarem as carreiras profissionais no setor da Proteção Civil, seja no nível nacional seja no local. Penso eu que também a necessidade de se pensar o Socorro em Portugal como uma atividade cada vez mais profissionalizada e “funcionalizada” e, conseqüentemente, com maior identidade, mais dedicada, mais conhecedora e mais eficaz.
- A necessidade de se apostar numa cultura e em práticas de segurança que abranjam as populações mais expostas ao risco de incêndio florestal, dotando-as de conhecimento e meios de auto-organização e de auto-proteção que lhes permitam defender-se em cenários extremos como os vividos no último ano.
- A necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a natureza e as conseqüências dos fenómenos climáticos extremos e de desenvolver instrumentos de previsão do risco de incêndio numa escala local e do comportamento do fogo em situações extremas.

Minhas senhoras e meus senhores:

Estas são algumas das conclusões fáceis que é possível extrair dos nossos trabalhos e não são novidade. Na verdade, e sem prejuízo de um documento de conclusões mais detalhado que iremos preparar, muito do que falámos aqui hoje não é muito diferente do que já também há muito se vem afirmando.

Então o que ganhámos?

Bem, muito do que foi dito nos deve fazer pensar, dados que desconhecíamos e perspetivas novas foram trazidas. E isso são mais-valias que levamos. Mas, a maior contribuição que hoje demos, penso que será do domínio da informação, do conhecimento e da consciencialização coletiva de uma responsabilidade que é de todos, mas que é especialmente nossa.

A Proteção Civil somos todos nós mas, tal como aqui nos apresentámos, mais de uns que de outros.

É por aí que também se tem que trabalhar. Assumindo cada um a responsabilidade de atuar no seu espaço com competência, dedicação e o máximo profissionalismo, mobilizando outros a fazer o mesmo. É preciso fazer mais e melhor!

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Dou por encerrados os trabalhos destas VIII Jornadas Novos Paradigmas da Proteção Civil e passemos ao Verde de Honra com que a Câmara Municipal de Vale de Cambra nos quer brindar neste final de dia.

Bom regresso a casa e a promessa de que daqui a um ano nos reuniremos de novo.

Coloquem já na V/ agenda